

Entrevista com Zieli Dutra Filho: "O nuclear é estratégico"

FRANCELLINO, Roberto; POLITO, Rodrigo. Entrevista com Zieli Dutra Filho: "O nuclear é estratégico". Brasil Energia. Rio de Janeiro, 02 de julho de 2009.

Zieli Dutra Filho não mede esforços para defender a energia nuclear no Brasil. Enquanto presidiu a Eletronuclear, de 2003 a 2005, incentivou Angra 3. Se na época foi voto vencido no governo, hoje vê a usina saindo do papel. Pesquisador associado ao Grupo de Estudos do Setor de Energia Elétrica (Gesel) da UFRJ, Dutra Filho vê com naturalidade a mudança de rumos. "Política é assim. Evolui." Com passagem pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), ele frisa que o país não pode abrir mão de nenhuma fonte de energia, mesmo das mais caras "Senão, era para abandonarmos o pré-sal"

Até que ponto o Brasil precisa da energia nuclear?

Precisamos entender o que é a nossa matriz energética e quanto estamos dependendo de combustível fóssil. As termelétricas são muito poluentes, sobretudo aquelas a óleo combustível e diesel. O mundo aprendeu que trabalhar com usina nuclear exige cuidados, mas, se bem cuidado, é seguro. Quando se fala em energia nuclear, deve-se pensar em quatro fatores: custo, segurança, opinião pública e rejeitos.

O incidente recente ocorrido em Angra 2 não poderia indicar que ainda não temos um sistema seguro?

Não foi incidente. Foi falha humana. E não foi no reator, foi no prédio auxiliar de Angra 2. A questão, porém, é que quanto mais se dá conhecimento à opinião pública, mais se cria condições para ela decidir. Ninguém quer empurrar goela abaixo qualquer tipo de tecnologia. Mas é preciso instruir a população, e não fazer dela um brinquedo de interesses de determinados grupos.

Esse brinquedo existe hoje?

No mundo inteiro há interesses. O fornecedor do reator, por exemplo, quer que a

opinião pública seja favorável. Defendo que não se deve impor opinião, mas sim dar condições para o público decidir o que é melhor para ele. Opinião pública não pode ser imposta, tem de ser conquistada.

Como a fonte nuclear pode competir com alternativas ambientalmente corretas e de mais baixo custo, como a biomassa?

Tanto a biomassa quanto a energia eólica são válidas e devem ser consideradas. O Brasil não pode abrir mão de nenhuma fonte de energia, mesmo das mais poluidoras. Pode ser que em determinado momento precisemos acionar uma térmica poluidora. Não descarto nenhuma forma de energia. O problema é como elas se inserem na matriz energética. Não é somente o preço que conta. Temos a sexta maior reserva de urânio no mundo. E o Brasil está em condições de produzir combustível nuclear.

Em termos econômicos, não é melhor aproveitar primeiro as fontes mais baratas?

Na área estratégica não existe nem primeiro nem segundo. Todas as fontes têm de correr lado a lado. É importante gerar inovação tecnológica em todas as áreas. Devemos aproveitar todas as fontes de energia que o país tiver capacidade de desenvolver. O Brasil precisa de uma capacidade adicional de 4 mil MW anuais.

De quanto deveria ser a participação da energia nuclear nesse total?

Não vamos fazer encomenda. Quero dizer é que temos competência operacional e na fabricação do combustível. E temos urânio.

Mas o desenvolvimento da energia nuclear no Brasil depende do governo. Ela não entra em leilão.

Uma coisa é não leiloar um projeto nuclear. Outra é a tarifa de geração. A tarifa nuclear não é competitiva até o momento. Em breve, contudo, teremos combustível fabricado no Brasil a preço competitivo. Ainda assim, o fato de o preço ser mais alto não determina o abandono da tecnologia. Senão, era para abandonarmos o pré-sal. Não se pode abrir mão de nada.

O sr. defende a abertura do mercado de geração nuclear?

Depende de como seria a participação das empresas. Dizer que sou a favor ou contra seria muito radical. Há tecnologias que durante um tempo devem ser protegidas até ganharem uma dimensão adequada. Estão neste caso o pré-sal e a energia nuclear.

O sr. acredita na retomada do programa nuclear brasileiro?

O governo veio a público dizer que pretende implantar mais quatro usinas nucleares. Ninguém forçou a barra. Entendi, então, que há interesse do governo. É difícil não acreditar que isso vai acontecer.

Quando presidiu a Eletronuclear, porém o sr. defendia Angra 3 e o restante do governo era contra.

Política é assim. Evolui. Hoje a aceitação do governo com relação à energia nuclear é muito maior.

Por quê?

Há a necessidade de mais energia, o problema de abastecimento de gás natural. E o cenário internacional em relação aos fornecedores de petróleo não está tão claro. O mundo mudou. Por isso, as opiniões também podem mudar.

Se a retomada ocorrer de fato, teremos mão de obra qualificada suficiente?

É preciso um núcleo para formar pessoal capacitado. Vi países que perderam o conhecimento tecnológico nuclear porque muitos técnicos se aposentaram.

O Brasil está há muito tempo sem uma usina nova. Então isso também pode acontecer aqui?

Pode. Mas com Angra 3 não vejo isso acontecer. É uma injeção de ânimo para as pessoas continuarem buscando se qualificar na área nuclear. Vai ocorrer um efeito multiplicador de competências.

É seguro Angra 3 ainda utilizar reator de segunda geração, enquanto o mundo desenvolve reatores de terceira e quarta gerações?

Claro! Angra 2 está funcionando muito bem, e Angra 3 é exatamente igual. A tecnologia PWR, de reatores de água pressurizada, é segura e deu muito certo.

Muitos defendem uma nova tecnologia para Angra 3.

E jogar todos os equipamentos que já temos fora? Começar a usina do zero agora não faz sentido. As peças que temos hoje de Angra 3 estão intactas. Estão em invólucros metálicos. Se for rompido o lacre agora, você pensa que elas foram fabricadas dez minutos atrás.

Qual seria o custo de uma nova tecnologia para Angra 3?

Já gastamos recursos com Angra 3, e ainda podemos aproveitar a experiência adquirida em Angra 2. Se mudar a tecnologia, aí sim haverá insegurança. Os técnicos de Angra 2 são constantemente treinados em simuladores. Se eles sabem fazer tudo e existe uma usina idêntica, para que fazer tudo novo? Estamos apenas duplicando a experiência adquirida em Angra 2.

O problema de Angra 3 hoje é menos a questão nuclear e mais o mito que se tornou a construção da usina?

Não sei. Sei que governo federal e estadual parecem estar interessados em Angra 3. Angra 1 e 2 são muito importantes para a região. Angra 3 também será. O essencial agora é que o projeto engrene e siga em frente.

Sua posição pró-Angra 3 foi o principal motivo para a sua saída da Eletronuclear?

Sinceramente não sei. Como é um cargo de governo e há conotação política, o governo não precisa dar satisfação sobre essas decisões. Todos sabem que a minha indicação foi feita pelo Pinguelli (Luiz Pinguelli Rosa, então presidente da Eletrobrás) para a Dilma (Rousseff, então ministra de Minas e Energia). Isso não é segredo. Tive longas discussões sobre energia nuclear com ela. Não estava na minha cabeça que eu permaneceria na empresa.

Dilma era contrária à energia nuclear.

Mas ela é uma pessoa inteligente. Extremamente competente. Ela permite que você tenha opinião contrária, porém você deve mostrar argumentos para manter sua opinião. Ela escuta, contesta, mas aceita a razão.

Hoje a Cnen é responsável por fiscalizar, regulamentar e gerir o setor nuclear brasileiro. Não seria adequado desmembrar essas atividades?

Seria conveniente, mas não sei como fazer isso. Não se pode pegar uma comissão nuclear que está funcionando e quebrá-la em três ou quatro partes sem critério, porque as consequências virão. A Cnen também monitora materiais nucleares hospitalares, etc. Por exemplo, se for necessário renovar a licença de Angra 2 e o órgão regulador não existir mais, como fica? É preciso saber como fazer a transição.

Em que ponto está a tecnologia de fusão nuclear?

Ninguém está desmentindo que a fusão nuclear possa ser uma grande opção energética. Só que o nível de sua aplicabilidade não é para agora.

É a mesma situação da energia solar, considerada ótima, mas sem viabilidade econômica?

Não. O fenômeno da fusão não está controlado. Não há estabilidade de plasma. É diferente. A energia solar é mais simples. Já se sabe construir a tecnologia solar. Quando a tecnologia da fusão nuclear for estabilizada, aí, sim, será calculado o seu custo. Mas não é para agora. Talvez para mais de dez anos.

E os rejeitos nucleares?

Há duas classes completamente diferentes de rejeitos, que o público confunde. Existem os rejeitos de alta atividade e os de média e baixa atividades. O rejeito de alta atividade é o decorrente da queima de combustível. E os de baixa e média atividades estão nas roupas usadas na manutenção, nas ferramentas utilizadas numa área

quente e contaminada, etc. Os rejeitos de média e baixa atividades são armazenados em barris e acompanhados regularmente. Há um mapeamento da radiação ambiental dentro da instalação. Já os de alta atividade não são descartáveis, como muitos acreditam. Eles podem voltar a ser usados.

Por que se fala, então, que não há solução para os rejeitos?

Em Angra 1 e 2, no momento, não se pode tirar os rejeitos de alta atividade da piscina por motivos operacionais e de segurança. Mas não há mesmo necessidade de tirá-los da piscina, que por sinal possui dez metros de lâmina d'água. Pelo menos nos próximos anos não é conveniente retirá-los da piscina.

Logo, a destinação dos rejeitos não seria obstáculo para a energia nuclear?

Não. Em nível mundial estão sendo feitas tentativas para arranjar sítios em que o rejeito de alta radioatividade que não vier a ser usado seja guardado seguramente. Os EUA estão com um projeto em desenvolvimento. A França também. A solução vai sair de um consenso internacional. Durante os primeiros dez anos não se pode tirar os rejeitos da piscina.

Quando isso pode acontecer?

Estão trabalhando sem parar. É necessário investir em inovação e criatividade, senão não sai nada.

Mas o Brasil não está pensando nisso.

O Brasil não tem de se envolver nisso agora. Se os outros países estão fazendo, podemos observar os diversos modelos. Não precisamos gastar dinheiro e pessoal agora.

E quando devemos pensar nos rejeitos?

Talvez daqui a uns dez anos.